

Um negro magro e ágil, um ser lunar, que chegou a Salvador com oito anos de idade em cima de uma carga de feijão é hoje o maior, porque verdadeiro defensor do centro histórico desta cidade: Clarindo Silva, o Mestre Calá, da Cantina da Lua, no Terreiro de Jesus que, com o seu "Projeto Cultural" tenta revitalizar essa área da tão decantada mas abandonada São Salvador.

Há 11 meses Clarindo montou esse projeto, com a ajuda decisiva da escritora Léa Fonseca. No pátio externo da Cantina armou um palanque para a apresentação dos shows, com o som e luz por sua conta. Todos os sábados à tarde, a partir das 16 horas é a vez do "Samba no Terreiro", às terças-feiras é feita a "Festa da Bênção". As quartas e quintas-feiras, tem seresta das 19 às 23 horas com David da Viola e Claudia Macedo, nas sextas e domingos "Serestas Dentro da Lua", das 14 às 20 horas.

Segundo Clarindo o objetivo do projeto é além de revitalizar o centro histórico da cidade, dar vez aos artistas da terra de mostrarem o seu trabalho. Nele se apresentam Miriam Teresa, Chocolate, Paulinho Camafeu, Firmão de Itapuã, Martinez, Aparecida, Riachão, Edl. Pacheco e muitos outros. "São verdadeiros bailes públicos. Todo mundo dançando e cantando", comenta Clarindo emocionado. A "Cantina da Lua" não fica só nos sambões e serestas. Já lançou até agora 29 livros, quatro discos, e está frequentemente fazendo exposições de pintores baianos e exibiu alguns curta-metragens.

**AS MENINAS DO MACIEL.** — Vários impasses financeiros quase puseram fim neste projeto, mas Clarindo movido por alguma força estranha a nós, pobres descrentes, contistas na batalha para alegria das "meninas que moram no Maciel", como chama as prostitutas da área, jornalistas, escritores, pintores, seresteiros, pares românticos e corações solitários que frequentam a Cantina da Lua.

Clarindo gasta aproximadamente Cr\$ 600 mil por evento que realiza, fora alguns cachês simbólicos, táxis e cervejas que é preciso dispensar e que não é possível controlar na ponta do lápis. Pensando já na programação de dezembro ele enviou à Fundação Cultural um pedido de ajuda para que o projeto aconteça. Está também solicitando uma ajuda da Câmara dos Vereadores que já fez várias moções de apoio ao trabalho que Clarindo vem desenvolvendo, mas que é preciso uma contribuição mais concreta.

A "Cantina da Lua" e o seu "Projeto Cultural", entretanto, não é a única — como se já fosse pouco — preocupação de Clarindo. Recentemente ele enviou uma carta a vários jornais da cidade onde falava da "crise estarrecedora" que passa o Centro Histórico de Salvador e da ameaça do maior conjunto arquitetônico colonial da América Latina se transformar daqui a uns cinco anos em mera ruína, caso não se tome uma providência imediata.

**A CASA E A HISTÓRIA.** — "Plantada no coração da Bahia, sangraste com ela em sua história... és sacro e profano, abrigastes santos e demônios... correu sangue virgem em tuas alcovas, de saudades choraram em teus porões... tudo passou e tudo ficou, és guardião e partícipe da história", trechos de um poema de Viderval de Oliveira Dias, "A Casa e a História" que nos fala literariamente da importância da arquitetura colonial da Bahia que como diz Clarindo, "está ameaçada de sumir, não só pelas depredações que sofrem como também pela falta de conservação de quem é de direito".

"A cada dia que passa", afirma Clarindo, "parece que fica mais perto a transformação do maior centro arquitetônico colonial da América Latina em ruínas, pois cada incêndio ou desabamento que ocorre na área, a exemplo do Paço do Saldanha, Igreja da Barroquinha e outros tantos existentes aqui na área, dificilmente são reconstruídos. O IPAC — Instituto do Patrimônio Artístico Cultural por sua vez, apesar do esforço do seu diretor, não tem condições de conservar e preservar o nosso patrimônio".

Principalmente depois da retirada do terminal de ônibus da Praça da Sé, testemunhou Clarindo, o comércio nessa área sofreu uma retração que parece irreversível. Farmácia, casas de discos e lojas de consertos eletrônicos já fecharam. A falta de segurança, asseio, iluminação, promoções e até incentivos fiscais fez o comércio da área entrar em decadência.

**DAR AS MÃOS.** — "Promoções como o Projeto Cultural da Cantina da Lua estão faltando no centro", fala Mestre Calá, "A Revicentro que seria o órgão responsável direto pela revitalização do Centro de

Histórico de Salvador, infelizmente não cumpre o seu papel, pois nunca tem verbas. Vemos o chafariz do Terreiro de Jesus sem água, sem luz e com muita sujeira. A Igreja de São Domingos com reboco estragado e cheia de mato na fachada, correndo o risco de ser consumida pelo fogo".

"O Cruzeiro de São Francisco largando os pedaços, o prédio onde funcionava a Academia de Letras da Bahia com uma séria ameaça de ruir e outros tantos absurdos. Ou se luta pela revitalização ou daqui a poucos anos invés de mostrarmos aos turistas a nossa beleza arquitetônica, estaremos mostrando um conjunto de ruínas. Mas se dermos as mãos, teremos um centro revitalizado..." afirma e ao mesmo tempo indaga o Mestre Calá.

Mas o Mestre Calá, apesar das dificuldades, está prestes a realizar um antigo sonho: ampliar a Cantina da Lua e, como a lua parece reger este teimoso comerciante

— "o que eu sei mesmo é vender aguardente — o nome do novo pedaço da Cantina se chamará "Acoplamento Lunar" que esta sendo criado com o mesmo carinho e espera que foi criado o "Jardim Suspenso da Lua Cheia", no andar superior da Cantina.

**VIDA PREGRESSA.** — Como se formou esse vendedor de aguardente, hoje com 42 anos, casado e com quatro filhos? Depois de chegar em Salvador em cima de uma carga de feijão vinda de Conceição de Almeida — "vomitei a viagem toda, morria de medo de carro" — Clarindo filho de uma família muito pobre — pai, mãe e onze irmãos — fez de tudo para sobreviver. Vendia cebola e laranjas quase podres recolhidas nas feiras, foi empregado doméstico, engraxate, balconista, fez até o terceiro ano de contabilidade e foi jornalista policial do jornal A Bahia.

E foi como balconista do Bazar Americano

que a alma de vendedor ascendeu. Nesse prédio do Bazar funcionava sub-locada uma cantina de apenas três portas que se tornaria mais tarde a Cantina da Lua. Clarindo desistiu da vida de jornalista — "cheias de decepções e ameaças" — e foi convidado para trabalhar nessa cantina. Depois de alguns envoltimentos jurídicos com aluguéis, sindicâncias e arrendamentos, Clarindo assumiu a direção da já Cantina da Lua, depois disse ela não parou de crescer.

Com o apoio de muitos amigos, muitos dos quais têm os nomes impressos nas placas que decoram o Jardim Suspenso da Lua Cheia, hoje a Cantina da Lua é um cartão postal da Bahia, é um centro cultural dos mais ativos da cidade. Lá o samba, a seresta, o frevo, a pintura, a literatura, o cinema, o papo, a cerveja, a pinga, a conquista, a dor de cotovelo tem o seu lugar. Uma Pasárgada em pleno centro de Salvador. Vamos à Cantina, lá somos amigos do Rei. (RB)



## Clarindo, o anjo da guarda do centro histórico